

Famílias já têm casas de alvenaria

Sheila Messerschmidt

Da equipe do **Correio**

As invasões do Itapuã surgiram de várias ocupações irregulares que ocorreram na região entre Paranoá e Sobradinho nos últimos seis anos, sob enfrentamentos com a Polícia Militar, disputas judiciais e brigas pela liderança interna dos moradores. São quatro áreas distintas: os condomínios Itapuã I e II, o condomínio Del Lago e a Fazenda Paranoazinho. Essas três últimas foram todas invadidas no ano passado. Na batalha judicial pela posse da terra estão a União, a Terracap e dois particulares — Januário Siciliano e Wagner Pinto.

Os invasores do Itapuã seguem os passos da Estrutural, a favela ao lado do Parque Nacional de Brasília. Ela foi legalizada pelos deputados distritais no ano passado e abriga 20 mil pessoas. Aos poucos, os moradores começam a substituir os barracos de madeirite (ainda a maioria) por precárias casas de alvenaria.

Assim como todos que fincaram os pés nos lotes, o jardineiro Roberto Vieira da Silva, 29 anos, não tem certeza se algum dia receberá a escritura da área. Por isso, esperou quase um ano até decidir erguer com tijolos e argamassa o lar que oferece para os dois filhos e a mulher. A casa deles terá dois quartos, uma sala e a cozinha. Pelo material, ele vai pagar R\$ 2.500. O próprio Roberto, um irmão e um vizinho se encarregaram da obra. “A gente calcula no olho mesmo. Não teria como pagar um pedreiro”, diz.

A água, Roberto vai puxar do poço do vizinho. A falta de saneamento na favela tornou o solo da área um queijo suíço, tamanha a quantidade de perfurações clandestinas. Os poços chegam a 30 metros de profundidade e não há limite de distância de um para outro.

O local para o poço é escolhido aleatoriamente. A finalidade é achar água, conforme explica Gil Vieira, 19 anos, desempregado que

trabalha como “cavador” nas invasões. Para o serviço, cobra R\$ 350. Se ele encontra uma pedra que impeça a continuidade do trabalho, cobre o buraco e recomeça a tarefa em outro ponto do lote. “Ainda são poucos os que podem pagar pelo poço. A maioria usa água direto do latão”, conta Gil. “Mas a água do poço é meio barrenta, ruim de beber”, completa.

PÓ NAS FRUTAS

O trânsito de moradores pelas invasões próximas ao Paranoá levou dezenas de comerciantes a se instalarem pelo lugar. Entrega de gás, mercearia, açougue e farmácia ambulante (num velho Corcel) não deixam faltar nada na favela. A Kombi de verduras de Heliel Gomes Santos, 22 anos, roda 20 quilômetros diariamente nos condomínios Itapuã I, II e Del Lago. “Tenho de embalar todas as verduras e frutas porque com esse pó não tem jeito, não”, explica o vendedor.

O pó que suja as frutas de He-

Ricardo Borba



HELIEL SANTOS VENDE FRUTAS NAS INVASÕES: MORADORES TÊM ENTREGA DE GÁS, MERCEARIA E FARMÁCIA

liel é característico de áreas ocupadas irregularmente, desprovidas de calçamento e pavimentação. O vaivém de carros e ônibus solta ainda mais a terra das ruas e levanta um redemoinho de pó vermelho que obriga a fechar os olhos. Os motoristas e cobradores da linha circular Condomínio Itapuã, da empresa Planeta, trabalham com máscaras

para evitar aspirar a poeira. Elnaldo Ribas Pires, 40 anos, 28 como rodoviário, é um deles. “Só trabalhei com máscara antes quando carregava produto químico numa firma”, recorda.

O calor o obriga a deixar as janelas do ônibus abertas. Das bolsas, os passageiros logo tiram lenços para cobrir a boca e o nariz e seguir viagem. A passagem

que leva os moradores das invasões para a cidade do Paranoá custa R\$ 0,50. No caminho, placas com a inscrição *DMTU* (sigla do Departamento Metropolitano de Transporte Urbano) indicam os pontos de paradas. A linha circular foi autorizada pelo governador Joaquim Roriz há dois meses. Antes, apenas ônibus piratas atendiam os invasores.